

Os desafios ético-teológicos da COVID-19¹ COVID-19's theological and ethical challenges

Rogério Gomes*

Recebido: 25/02/21

Aprovado: 05/04/2021

Resumo:

Nesse texto, o autor reflete sobre a pandemia de COVID-19 como algo que põe à prova, não somente a saúde pública, mas as instituições, o conhecimento científico, as pessoas e os interesses comuns e traz à tona o conceito de vulnerabilidade e outras questões éticas. Na esteira desse agente patogênico surgem outros como o vírus das notícias falsas (*fake news*), os discursos fundamentalistas e apocalípticos, o lucro às custas do sofrimento de outros, o recrudescimento da mistanásia, decorrente do abismo social causado pela pobreza, os dilemas médicos à medida que estes têm que escolher quem vive e quem morre, devido ao colapso no sistema de saúde, a violação do princípio de responsabilidade, o aumento da violência e da intolerância em relação ao diferente e as minorias e o corporativismo dos países ricos em relação à liberação de vacina para os países pobres. A partir desses elementos, emergem as lições de ética que se pode aprender com a pandemia: o cuidado com o planeta ferido pela falta de cuidado, a de que um vírus pode ser mais letal que uma guerra, a solidariedade, o desenvolvimento da cidadania, a volatilização do conceito de segurança, cuidar dos *Oikos* e valorizar a ciência com base na ética. O aprendizado deste tempo e sua aplicação em nossa casa comum fará grande diferença no futuro.

Palavras-chaves: vulnerabilidade; *fakenews*; fundamentalismo; mistanásia; responsabilidade; ecologia; ética; cidadania.

Abstract:

In this text, the author reflects on the pandemic of COVID-19 as something that tests not only public health, but institutions, scientific knowledge, people and common interests and brings up the concept of vulnerability and other ethical issues. In the wake of this pathogen others appear, such as the fake news virus, fundamentalist and apocalyptic speeches, profit at the expense of the suffering of others, the upsurge of mystasy due to the social abyss caused by poverty, medical dilemmas (as they have to choose who lives and who dies, due to the collapse in the health system), the violation of the principle of responsibility, the increase in violence and intolerance towards the "others" and the minorities, and the corporatism of rich countries on liberating the vaccine for poor countries. From these elements, the ethical lessons that can be learned from the pandemic emerge: the care for a planet hurt by the lack of care, that a virus can be more lethal than a war, solidarity, the development of citizenship, volatilization of the concept of security, taking care of *Oikos* and valuing science based on ethics. The learning of this time and its application in our common home will make a big difference

¹Este texto foi apresentado pelo autor como aula inaugural no ITESP, em 22/02/21, e é uma atualização de texto publicado na Revista *Studia Moralia* 58/1 (2020), pp. 15-25, com o título COVID-19: Algunas lecciones de ética de un virus.

* Rogério Gomes é padre redentorista, e doutor em teologia moral e professor na Accademia Alfonsiana (Istituto Superiore di Teologia Morale).

in the future.

Keywords: vulnerability; fake News;fundamentalism; mystasy; responsibility; ecology; ethics; citizenship.

Introdução

O tema desta aula inaugural é *os desafios ético-teológicos da COVID-19*. Ele pode ser abordado sob diversas interfaces, mas escolherei algumas intuições que, ao meu ver, podem ser muito bem delineadas a partir do que já vivemos e conhecemos.

O dia 12 de dezembro de 2019 ficará na História. Esta foi a data que a primeira pessoa foi hospitalizada em Wuhan, China, embora se saiba de um caso já relatados nos primeiros dias de dezembro.²Aos 9 de janeiro de 2020 ocorreu a primeira morte decorrente da epidemia. O médico chinês Li Wenliang tentou avisar o governo chinês sobre a gravidade daquele surto e foi desacreditado e difamado, punido por isso. Ele morreu, aos 7 de fevereiro de 2020, depois de contrair o vírus, ao atender pacientes em Wuhan. A partir de meados de janeiro de 2020 a doença se espalhou para fora da China. Em 11 de março de 2020 a OMS declarou o surto de COVID-19 uma pandemia. No dia 16 de março de 2020, tivemos a primeira vítima, em São Paulo, um homem de 62 anos.No dia 10 de abril a Universidade Johns Hopkins já listava mais de 100 mil mortes e mais de 1,6 milhão de casos da doença. No dia 28 de setembro de 2020 ultrapassamos a marca de 1 milhão de mortos. Hoje, segundo os dados da Universidade Johns Hopkins temos 2.466.873 mortes e 111.391.447 de casos.³Em novembro de 2020 a Pfizer Biontech, Moderna, Universidade de Oxford e AstraZeneca anunciam os resultados positivos da fase III de suas vacinas dando uma esperança para o mundo.

Ninguém poderia imaginar o quanto seríamos afetados por um vírus de origem zoonótica, em um mercado chinês. O vírus se globalizou, o mundo parou e foram postos à prova os sistemas sanitários, políticos, econômicos, a saúde física e mental das pessoas e revelou o que há de valor e contravalor social (solidariedade, amor, doação, violência, racismo). Não pensaríamos que a obra de Albert Camus (1913-1960) *A Peste* (1947) (CAMUS, 1997; PISELLI, 2016) fosse tão atual.

Camus usa a imagem da peste bubônica que ocorreu em uma cidade chamada Oran, Argélia, e o caos ao qual o lugar foi submetido. Neste cenário, o autor lista alguns personagens significativos e, em cada um deles, um papel social, institucional, e sua

² Disponível em: <https://jornal.usp.br/artigos/COVID2-o-que-se-sabe-sobre-a-origem-da-doenca/> acesso em: 17.02.2021.

³ Disponível em <https://coronavirus.jhu.edu/map.html> acesso em: 22.02.2021.

forma de lidar com a realidade e suas diferentes atitudes e respostas.

Dois médicos, Dr. Rieux e Castell, descobrem, após a morte de ratos e de uma pessoa, os sintomas da peste bubônica. Os doentes têm febre muito alta, caroços e inchaços na virilha e axilas, manchas escuras no corpo e morrem após um curto período de agonia delirante. No início, nem as autoridades nem a população acreditam nos médicos. Algumas pessoas não se importam e continuam com suas vidas e outras ficam em casa preocupadas com a situação. Quando a praga se espalha, a cidade é fechada para evitar a propagação da infecção. Rieux dedica todo seu tempo aos infectados, mesmo perdendo seus entes queridos. O prefeito Joseph Grand é uma pessoa que acredita que a peste é apenas um falso alarme; o padre Paneloux tenta justificar a doença como punição divina e vontade de Deus; Raymond Rambert, um jornalista francês, que a princípio tenta fugir da cidade e voltar para seu país, junto com sua esposa, é convencido por Tarrou quando é lembrado que o Dr. Rieux tem sua família que o ama muito; apesar disso, ele trabalha incansavelmente contra a peste. Então percebe que também é sua responsabilidade combatê-la e se junta aos voluntários. Cottard, o homem que se aproveita da crise e lucra com a escassez de bens necessários à população para ganhar dinheiro, depois é levado para a cadeia por ter atirado nas pessoas quando comemoram o fim da epidemia. Em 1977, Raul Seixas (1945-1989), escreveu uma canção *O dia que a terra parou*. A canção fala do caos total, no qual tudo para. A canção diz:

Essa noite eu tive um sonho de sonhador. Maluco que sou, eu sonhei com o dia em que a Terra parou. Com o dia em que a Terra parou.

Foi assim. No dia em que todas as pessoas do planeta inteiro resolveram que ninguém ia sair de casa como que se fosse combinado em todoo planeta. Naquele dia, ninguém saiu de casa, ninguém, ninguém.

O empregado não saiu pro [para o] seu trabalho, pois sabia que o patrão também não tava [estava] lá. Dona de casa não saiu pra comprar pão pois sabia que o padeiro também não tava lá. E o guarda não saiu para prender, pois sabia que o ladrão, também não tava lá. E o ladrão não saiu para roubar, pois sabia que não ia ter onde gastar.

[...]

E nas Igrejas nem um sino a badalar, pois sabiam que os fiéis também não tavam lá. E os fiéis não saíram pra rezar, pois sabiam que o padre também não tava lá. E o aluno não saiu para estudar, pois sabia o professor também não tava lá. E o professor não saiu pra lecionar, pois sabia que não tinha mais nada pra ensinar.

[...]

O comandante não saiu para o quartel, pois sabia que o

soldado também não tava lá. E o soldado não saiu pra guerrear, pois sabia que o inimigo também não tava lá. E o paciente não saiu pra se tratar, pois sabia que o doutor também não tava lá. E o doutor não saiu pra medicar, pois sabia que não tinha mais doença pra curar.

Essa noite eu tive um sonho de sonhador, maluco que sou, acordei, no dia em que a Terra parou.

O livro de Camus e a canção de Raul parecem muito atuais para elucidar o cenário que estamos vivendo hodiernamente, com a COVID-19 (coronavírus). Na trama de *A Peste* podemos observar a idiosincrasia humana, a solidariedade, o uso do discurso religioso como forma de manipulação, a irresponsabilidade política diante do problema, a exploração da fraqueza dos outros em benefício próprio e a falência das instituições diante da epidemia. A música de Raul, a sensação de vazio, de interrupção da rede de relações sociais, o colapso das certezas, incerteza total, um pouco do que provocou esta pandemia, a terra que para.

1. COVID-19 e o conceito de vulnerabilidade

A COVID-19 (ONU, 2019 e 2020) é apresentada como um fenômeno pandêmico que afeta a todos, independentemente da classe social. Ela nos faz refletir além da própria pandemia, como um problema de saúde pública, mas como algo que põe à prova as instituições, o conhecimento científico, as pessoas e os interesses comuns. Negá-lo é ser irresponsável diante do que está acontecendo, em tempo real, em todo o mundo, diante de nossos olhos. Transformá-lo em terror, é torná-lo uma ferramenta para um mau serviço social e contribuir para o caos. Atribuir-lhe o castigo divino à humanidade é buscar uma justificação, pelo menos fundamentalista, para uma realidade que, além dos discursos de pecado, culpa, fé em Deus, é fundamental para fomentar a esperança e os valores humano-cristãos, especialmente para aqueles que lidam e correm o risco diário de infecção ou morte para salvar vidas. Atribuir responsabilidade a Satanás é evitar a responsabilidade pessoal e comunitária de formar e alimentar uma consciência crítica que possa ajudar a cuidar e salvar as vidas de outros.

Em pouco tempo, a COVID-19 trouxe à tona um conceito muito discutido em tempos recentes: a vulnerabilidade. Esta palavra, do latim *vulnus*, significa “ser ferido por, ferido ou susceptível de ser ferido” (DOS ANJOS, 2006; NEVES, 2006, p. 158; REICH; 2004). Em grego pode-se encontrar o termo *traûma*: ferido ou coberto de feridas (ROCCI,1849; ROMIZI, 2007, 1329),e tem um sentido físico e não moral,

embora, quando alguém está coberto de feridas, seja por causa de uma doença ou por ter sido espancado fisicamente e vilipendiado psicologicamente, ele é moralmente vulnerável.

O vírus vulnerou o sistema financeiro e as instituições público-privadas que deveriam apresentar certas respostas em favor do bem comum, bem como expôs a fragilidade e incompetência de tantos governos, ligados a seus próprios interesses ou minimizando e negando o problema, bem como os sistemas de saúde que não estão conseguindo lidar com tal emergência. Além disso, ele afirmou claramente que esta é uma situação que afeta a todos, independentemente de classe social, embora o mais alto preço seja pago pelos mais pobres. Estima-se que 132 milhões de pessoas irão somar-se aos quase 690 milhões já famintos em 2019.

Sem desprezá-la, a COVID-19 é apenas uma faceta de outras crises e vulnerabilidades sistêmicas muito maiores, como fome, guerras, migração, crise do ecossistema, preconceito contra o outro. A diferença é que estas, talvez, não nos tocam diretamente e isto significa que os governos, as instituições, a mídia e nós mesmos não estamos interessados, pois o problema é e será sempre “do outro” ou “daquela nação”, porém pode ferir a todos e demonstrar, friamente, as fraquezas existentes e a condição de uma humanidade ferida que, para sobreviver, tem de superar as próprias lesões internas do seu tecido social e unir-se.

A tudo isso se soma o problema dos frágeis sistemas de saúde em muitos países, não apenas nos países em desenvolvimento, mas também desenvolvidos. Muitas vezes a falta de uma cultura de medicina preventiva, os cortes em investimentos sociais e de saúde por parte dos governos, levaram a um crescente enfraquecimento do sistema de saúde em geral. Um sistema de saúde agonizante desmorona em tempos de pandemia. Surgem, então, dilemas médicos que, dados os recursos limitados disponíveis, há que escolher, com base em protocolos, quem atribuir cuidados e, na pior das hipóteses, a quem deixar morrer (SONIS, 2008, pp. 69-70).

2. Outros vírus que nos vulneram

A pandemia não pode ser desconectada de tantos outros vírus que surgem neste contexto, com profundas implicações éticas:

- a) *O vírus das notícias falsas (fake news)*. Este fenômeno, com a ajuda das redes sociais, espalha-se como praga pandêmica. Instituições de saúde, tais como a Organização Mundial da Saúde, Ministérios da Saúde e governos locais procuram alertar e sensibilizar a população com dados científicos confiáveis. No entanto, a divulgação de notícias falsas com informações distorcidas, sem base

científica, com o objetivo de espalhar o caos e o terror, beneficiando-se do medo da população, cometendo fraudes de vários tipos para ganhar dinheiro é uma realidade concreta. O sujeito que espalha este tipo de informação está oferecendo seu mau serviço social e, em situações mais sérias, está comprometendo a vida de outros. Em outras palavras, viola a ética e a justiça.

- b) *O surgimento de discursos fundamentalistas e apocalípticos.* No livro de Camus, há uma tensão entre os modos de agir do Dr. Rieux e do Padre Paneloux. Enquanto o médico, a todo custo, tenta salvar vidas, o religioso, neste caso, metáfora das instituições religiosas, tenta justificar essa realidade a partir da vontade divina. A grande conclusão de Camus: que Deus é este que permite que os inocentes morram? Esta era a questão de Jó, do período pós-guerra e também de hoje. Como cristãos, não podemos incorrer nesta mentalidade earmadilha. Com as medidas tomadas pelas Igrejas, seguindo recomendações governamentais e em solidariedade ao sofrimento humano, tais discursos vieram à luz. Nunca a figura de Satanás foi tão usada em uma pandemia, e as teologias sobre o castigo divino atualizadas. Independentemente das religiões, no contexto real em que vivemos a teologia não deveria atribuir a pandemia a uma entidade (Deus, Satanás, bruxaria), mas criar consciência de solidariedade e cuidado com os outros. A questão é: o que a religião, juntamente com outros recursos que temos, pode trazer à população para ajudá-la a suportar tempos tão sombrios? Pode ser que, como religião, sejamos hoje como os personagens do texto do Bom Samaritano (Lc 10,30-37). É hora de parar de “passar pelo outro lado”, mas assumir a atitude samaritana de estender a mão, limpar as feridas, cuidar, assistir e encorajar os desesperados, e lutar contra o medo e as falsas visões do divino. É certamente um momento de fazer de nossas instituições religiosas um “hospital de campanha”, como nos lembra o Papa Francisco, praticar o ecumenismo e superar o legalismo religioso e moral que fere e mata.
- c) *Lucrar às custas do sofrimento de outros.* Albert Camus, por meio do personagem Cottard, expõe este tipo social e institucional. São as hienas sorridentes que se aproveitam das vulnerabilidades para ferir, matar e saborear a carne das vítimas vulneráveis. Não é diferente hoje. Como podemos evitar tal realidade, quem sabe, tão próxima de nós ou presente em nossa própria mentalidade ou idiosincrasia social? Para isso é fundamental promover a formação de uma consciência crítica e ajudar as pessoas a combater os especuladores de tal crise, pessoas ou instituições. Os sistemas econômicos nos quais o lucro é a divindade não consideram as pessoas feridas em sua condição social. Só reina o egoísmo cruel e rude.
- d) *Recrudescimento da mistanásia.* É a condição de desigualdade humana que afeta sujeitos vulneráveis socialmente, em decorrência de fatores violadores do direito às condições dignas de vida através de um sistema social equo e investimentos, causando mortes precoces e injustas decorrentes da falta de recursos sociais, e que poderiam ser evitadas. O termo mistanásia foi cunhado em 1989 por Márcio Fabri dos Anjos em substituição ao termo eutanásia social. Em outras palavras, é a morte lenta, dolorosa e cruel por causa da pobreza.
- e) *Dilemas médicos.* Em uma situação onde os recursos são extremamente escassos e com poucas UTIs, médicos e enfermeiros são obrigados a escolher a quem deixar morrer e quem vai viver. Uma pesquisa realizada pela *Medscape* sobre dilemas éticos na medicina: Brasil 2020 com 2301 médicos constatou que 20% devido à falta de escassez de recursos (UTIs, medicamentos, equipes, etc. já tiveram que fazer tal escolha e 23% tiveram dilemas éticos em relação à

COVID-19 (MEDSCAPE, 2021).

- f) *A violação do princípio de responsabilidade.* Durante este tempo vimos a violação do princípio responsabilidade por parte de muitas pessoas. Não obstante as recomendações da ciência para evitar a transmissão do vírus, muitos agiram sem nenhum tipo de preocupação em relação à vida do próximo e também daquilo que implica viver socialmente. A violação da responsabilidade não foi somente por cidadãos comuns, mas por pessoas que deveriam favorecer o exercício da responsabilidade pessoal e grupal. Os exemplos de Trump e de Bolsonaro evidenciam a violação desse princípio.
- g) *Aumento da violência e da intolerância em relação ao diferente às minorias.* Fundamentado em discursos religiosos fundamentalistas e de pureza por governos autoritários e antidemocráticos e pela ineficiência da justiça, esses fenômenos se evidenciam através do feminicídio, a morte de homens e mulheres pretos, pobres, moradores de rua, LGBTQ+, maus-tratos a idosos e abusos contra crianças.
- h) *O corporativismo dos países ricos em relação à liberação de vacina para os países pobres.* A União Europeia, Estados Unidos e outros países ricos, por investimentos na ciência em tecnologia, chegaram primeiro na descoberta das vacinas. E também as adquiriram para suas populações. Em um contexto de escassez, os corporativismos e interesses se alinham e anulam-se as populações pobres. Esses países têm uma dívida social com países da América Latina, Caribe, Ásia e África. Geralmente as pessoas dessas nações servem de cobaia na testagem de vacinas e medicamentos, mas não para auferir os resultados.

3. Lições ética da COVID-19

A partir de uma situação de crise, podemos extrair reflexões construtivas e aprendizagem pessoal e social. Com a COVID-19, apesar da dor, das perdas humanas, podemos vislumbrar outros horizontes, embora pareça que não nos lembramos das grandes lições da história: a peste negra, as guerras mundiais, os regimes totalitários, as crises financeiras, etc. Talvez possamos aprender alguma coisa.

- a) *O planeta ferido pela falta de cuidado.* O famoso adágio: “tempo é dinheiro” fez da vida humana, após a Revolução Industrial e a ascensão do Capitalismo, um ritmo frenético, baseado no binômio produzir e consumir como a fórmula da felicidade. Começamos a viver sob o imperativo do lucro, do tempo e da exaustão da natureza. A exaltação da espécie *homo faber* que suprime o *homo ludens* em função do *homo economicus* atinge o *homo demens* que dispensa suas relações sociais evoluindo para o *homodegradandis*, com seu infame desejo de explorar a natureza até sua última gota (NINIS; BILIBIO, 2012). É evidente o freio que a COVID-19 colocou sobre as atividades econômicas e os danos que ela está causando e causará. Entretanto, este *lockdown* forçado sinaliza em muitos lugares uma redução do *smog*, da poluição da água, etc. Poderíamos perguntar se este vírus não é uma rebelião da própria natureza sufocada e sem fôlego que se manifestou de forma tão violenta? É essencial que os países que mais poluem e a população em geral tomem medidas para cuidar do planeta. Um vírus que se propaga facilmente – aliado a um planeta ferido pelo descuido de

seus habitantes, com seus recursos agonizando pela ganância humana – não pode mais sobreviver por muito tempo: torna-se uma bomba mortal.

- b) *Um vírus pode ser mais letal que uma guerra.* Silenciosamente e mesmo sem os altos custos da inteligência e estratégia militar, *surveillance*, pesquisa científica, um vírus hoje poderia devastar todo o planeta sem ocupar exércitos, armamentos, ter um inimigo geolocalizado ou disparar um único tiro. O coronavírus, pelo que sabemos até agora, não é o vírus mais letal. Podemos encontrar outras formas existentes na natureza, ainda hibernando, que não conhecíamos ou produzíamos no laboratório para fins bélicos. Aqui a guerra é travada, não em um campo de batalha, mas com um vírus que se espalha e envolve governos, forças armadas e pesquisa científica para contê-lo. O que era uma cena de ficção científica torna-se real e preocupante para todos.
- c) *Solidariedade: somos seres humanos que enfrentam o mesmo problema.* Uma das características do ser humano é sua singularidade e complexidade, que se manifestam em sua maneira de ser, de entender o mundo, de agir na cultura e em sua maneira de se relacionar com o ambiente em que vive, com o outro e com o transcendental. O que deveria nos unir e enriquecer mutuamente, muitas vezes se torna uma razão para a alienação do outro. A COVID-19, de certo modo, despojou os povos de suas idiossincrasias e resgatou a solidariedade como forma de sobrevivência. O problema do outro também é meu problema! Neste sentido, a solidariedade é um ato de abertura e aceitação em relação ao outro; é reconhecer o outro de forma simétrica, como outro de mim que, por ser da mesma raiz, me move em sua direção e deseja-lhe o bem, a justiça e a dignidade que desejo para mim mesmo. Portanto, quando o outro é ferido em seu ser, eu, movido pela compaixão, assumo sua causa para restaurá-lo à sua condição original, porque ele é meu irmão, meu vizinho. Vimos isso através de tantos atores: profissionais de saúde, religiosos, pessoas simples...
- d) *Desenvolver nossa cidadania.* Finalmente, como população em geral, esta pandemia deve nos provocar o aprofundamento do conceito de cidadania pessoal, ecológica (LS) e universal em seu pleno sentido de respeito pelos outros, seu espaço e seu bem-estar. Além de ser profundamente ética, ela se baseia em valores evangélicos. E como cristãos, somos promotores dessas páginas sagradas, não apenas em tempos de alegria, mas especialmente em tempos de tribulação.
- e) *Romper com o conceito de segurança.* Em uma sociedade baseada na economia de mercado, propriedade privada, progresso tecnológico, vigilância, controle, defesa, é normal que as pessoas criem uma expectativa social de segurança. De fato, a segurança é um conceito que está em nossa base antropológica para que possamos nos desenvolver como seres humanos. Nesse sentido, “a epidemia viral perturba esse bom senso e evapora a segurança da noite para o dia. Sabemos que a pandemia não é cega e tem alvos privilegiados, mas ainda assim cria com ela uma consciência de comunhão planetária, de alguma forma democrática. A etimologia do termo pandemia diz: todas as pessoas. A tragédia é que, neste caso, a melhor maneira de sermos solidários uns com os outros é nos isolarmos uns dos outros e nem sequer nos tocarmos uns aos outros. É uma estranha comunhão de destinos, mas será que não há outros possíveis?” (SOUZA SANTOS, 2020, p. 24).
- f) *Cuidar dos Oikos.* Este período de *lockdown* impôs uma ascensão a cada pessoa. Na espiritualidade, a ascensão está ligada à mística. Tomando este conceito emprestado da espiritualidade, esta experiência é um chamado aos seres

humanos para se converterem aos *oikos*, ou seja, para intensificarem as relações dentro do lar, onde está sua salvação. É necessário retomar o cultivo de uma *ecofilia*, partindo do núcleo familiar e estendendo-se a outros seres humanos. A humanização de uma sociedade é uma garantia de melhores condições de vida e cuidados. A *ecofilia* é um recurso importante para a ecologia, o cuidado do lar comum, onde as relações são tecidas diariamente e da qual deriva nosso sustento. Uma *ecofilia* com uma preocupação ecológica visa organizar a economia (= *oikos* + *nomos*) desta casa de forma sólida e solidária, pensando em sua manutenção, assim como a das pessoas que nela vivem. O Papa Francisco adverte que “os recursos da Terra também estão sendo depreciados devido às formas imediatistas de entender a economia e a atividade comercial e produtiva”. Finalmente, dentro do *oikos*, é gerado o ecumenismo (*oikoumenē*). A terra habitada é um lugar para todos, um lugar de tolerância e respeito, de acolhimento das diferenças e de cultivo do transcendente. Neste sentido, as religiões têm um grande papel social e ético.

- g) *Valorizar a ciência com base na ética.* A ciência, como qualquer construção humana, tem suas ambivalências. É preciso “ciência com consciência”, como afirma Edgar Morin (2002). Entretanto, em tempos de obscurantismo, fanatismo, fundamentalismo e certas visões fideístas do mundo, eles tendem a desacreditar a ciência e toda a estrutura criada por ela. O que desfrutamos hoje é o resultado de pessoas que dedicaram tempo, inspiração, inteligência, sangue e suor para oferecer contribuições para a transformação do mundo. Mas como nenhuma ciência é neutra, a ética se apresenta como uma voz para discernir se a produção do conhecimento é para o bem ou para o mal, o que não é tarefa fácil. Muitos meios de comunicação conjecturam que a COVID-19 é um vírus criado em laboratório, o que não é verdade, de acordo com estudos genéticos recentes. A evidência é que o vírus SARS-CoV-2 surgiu a partir de processos evolutivos naturais em seres vivos (ANDERSEN; RAMBAUT; LIPKIN, 2020). Mas o tempo e a própria ciência dirão, se assim comprovado, verificarão o catastrófico mau uso da ciência. Por outro lado, a pesquisa científica tem sido empregada para encontrar as melhores soluções para a pandemia, tais como vacinas e análises integradas baseadas na sequência de genomas SARS-CoV-2 de diferentes localizações geográficas, para entender a mutação viral e a possibilidade de vacinas ou medicamentos para imunizar as pessoas (SARDAR; SATISH; BIRLA; 2020). A ciência, dentro das bases éticas humanistas, sempre lembrará o famoso *primum non nocere* de Hipócrates (460-377 AC) e a ética será sempre a única a lembrar quando ela se desviar desse caminho.

Conclusão

É bastante complicado e arriscado realizar análises, sejam elas quais forem, em tempos de crise social e de pandemia, visto que há tantas variáveis. É caminhar em areias movediças. A COVID-19 é uma dessas realidades. Entretanto, é necessário fazer reflexões, não de natureza alarmista, mas friamente, para tentar vislumbrar o que podemos aprender dos tempos difíceis. Nestes tempos procuramos respostas, curas, bodes expiatórios, milagres, explicações mitológicas, teológicas, apocalípticas, e tantas outras por desespero, por não termos respostas e, a coisa mais terrível, por manipulação.

A pandemia está aí e é um problema, não do outro, mas de todos nós. Isso nos torna iguais. Cabe agora perguntar-nos: quais as lições de ética que aprendemos nestes tempos e como podemos aplicá-las para melhorar nossos *oikos* vitais? Isso fará uma grande diferença no futuro...

Referências bibliográficas:

ANDERSEN, K. G.; RAMBAUT, A.; LIPKIN, W. Ian. *et al.* The proximal origin of SARS-CoV-2. *Nature Medicine* (2020). Disponível em:

<<https://doi.org/10.1038/s41591-020-0820-9>>. Acesso em 21 mar. 2020.

CAMUS, Albert. *La peste*. Milano: Bompiani, 1997

DOS ANJOS, M.F., A vulnerabilidade como parceira da autonomia. *Revista Brasileira de Bioética* 2/2, 2006, 181.

MORIN, E. *Ciência com Consciência*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

NEVES, M.P. Sentidos da vulnerabilidade: característica, condição, princípio. *Revista Brasileira de Bioética* 2/2, 2006, 158.

NINIS, A. B.; BILIBIO, M. A. Homo sapiens, Homo demens e Homo degradandis: a psiquê humana e a crise ambiental. *Psicologia Social* 24/1 (2012) 46-55. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822012000100006&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 21 mar. 2020.

ORGANIZACIÓN MUNDIAL DE LA SALUD, Preguntas y respuestas sobre la enfermedad por coronavirus (COVID-19). Disponível em:

<<https://www.who.int/es/emergencias/diseases/novel-coronavirus-2019/advice-for-public/q-a-coronaviruses>>. Acesso em: 17 mar. 2020.

ORGANIZACIÓN MUNDIAL DE LA SALUD, «Vigilancia mundial de la infección humana por el nuevo coronavirus (2019-nCoV): orientaciones provisionales», 31 de enero de 2020. Disponível em: <<https://apps.who.int/iris/handle/10665/330859>>. Acesso em 17 mar. 2020.

PISELLI, Brenda. Scienza e religione ne *La peste* di Camus». In: *Studi Francesi* 179 [LX /II] (2016) 233-245. Disponível

em: <<http://journals.openedition.org/studifrancesi/4265>>. Acesso em: 21 mar. 2020.

REICH, W.T., Vulnerabilità. In: *Enciclopedia di Bioetica e Sessuologia*, a cura di Giovanni Russo (1817), Elledici, Leumann 2004.

ROCCI L. Trauma. In: *Vocabolario greco-italiano*, SEDA/SESL, Roma 1956/11, 1849.

ROMIZI R., *Greco antico: vocabolario greco-italiano etimologico e ragionato*, Zanichelli, Bologna 2007, 1329.

SARDAR, R.; SATISH, D.; BIRLA, S.; GUPTA, G. Comparative analyses of SAR-CoV2 genomes from different geographical locations and other coronavirus family

genomes reveals unique features potentially consequential to host-virus interaction and pathogenesis. Disponível em: <<https://www.biorxiv.org/content/10.1101/2020.03.21.001586v1>>. Acesso: 22 mar. 2020

SEIXAS, Raul. O dia em que a terra parou. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=yYtx_QnSRaQ; <https://www.vagalume.com.br/raul-seixas/o-dia-em-que-a-terra-parou.html>>. Acesso em 21 mar. 2020.

SONIS, A. Atención individual y atención colectiva. In: TEALDI, J. C. (dir.) *Diccionario latinoamericano de bioética*. Bogotá: UNESCO - Red Latinoamericana y del Caribe de Bioética-Universidad Nacional de Colombia, 2008, pp. 69-70.

SOUZA SANTOS, B. Vírus: tudo o que é sólido se desfaz., *Público*, 18 de março de 2020, 24. Disponível em: <<https://www.publico.pt/2020/03/18/mundo/opiniao/virus-solido-desfaz-ar-1908009>>. Acesso em 21 mar. 2020.